

LITERATURA E GRAMÁTICA: *UM ESTUDO SOB O OLHAR DA ABORDAGEM FUNCIONALISTA.*

LITERATURE AND GRAMMAR: *A STUDY FROM THE FUNCTIONAL APPROACH.*

Renata Magalhães Vaz Assis¹

RESUMO

Este artigo partiu do estudo sobre a abordagem funcionalista e pelo interesse de analisar como tal embasamento permeia a formação docente e interfere diretamente na sua prática, aliado a um olhar mais criterioso quanto à sequência didática proposta, ainda hoje, pelos livros didáticos, porém, com foco na análise da literatura e gramática, suas analogias e dicotomias. As referências que sustentam este estudo são Aristóteles, Candido, Tomasello e Halliday.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA, GRAMÁTICA, FUNCIONALISMO, DOCÊNCIA.

ABSTRACT

This article started from the study of functionalist approach and for the interest of analyzing how such a foundation permeates teacher training and interfere directly in its practice, together with a more judicious look at the didactic sequence proposed even today by textbooks but with a focus on the analysis of literature and grammar, its analogies and dichotomies. The references that the support this study are Aristóteles, Candido, Tomasello and Halliday.

KEY WORDS: LITERATURE, GRAMMAR, FUNCTIONALISM, TEACHING.

¹ Mestra em Ensino na Educação Básica pelo Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, Campus Goiânia. Professora para o Ensino Fundamental II da Rede Estadual. Email: magalhaesrenata06@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6021083725172141>

INTRODUÇÃO

Antes de se falar sobre gramática, é importante pautar sobre a constituição do padrão de linguagem, que, seguramente, tem como primeiro papel a “literatura”. Pero de Magalhães Gândavo (Apud NEVES, 2010), já em 1618, de certa forma, já previa o caráter conservador e a influência europeia nos padrões linguísticos e literários do Brasil como forma de imposição elitista e normativista que até hoje, em sua maioria, dirige a sociedade.

O Brasil é um forte exemplo de complexidade lingüística. Embora no período da colonização a língua portuguesa fosse a oficial, os processos de evangelização se davam na língua materna dos evangelizados – índios e africanos não se submetiam a outra língua a não ser a sua. Nesse sentido, Silva Neto (Apud NEVES, 2010) fala da “bipolaridade lingüística” instituída no Brasil devido à heterogeneidade do povo mestiço, ou seja, ninguém pensa em “independência” lingüística; há, na verdade, uma estagnação e aceitação: uma independência política, mas não literária.

O que é colocado em evidência, então, é a ‘língua’ como sinônimo de ‘linguagem’/‘comunicação’. As variedades lingüísticas são detalhes que dão lugar a pensamentos, ação, criação e um espaço de identidade. Dessa forma,

se a questão da identidade perpassa qualquer produção de falantes das línguas naturais, ela com certeza há de aflorar nas peças literárias, necessariamente produzidas por indivíduos dos mais sensíveis e participantes. (NEVES, 2010, p.25)

Aristóteles (1987), em muitas de suas obras, trabalhou as questões acerca de linguagem e as relações estabelecidas entre o ser, o mundo e as intencionalidades da linguagem. Para o filósofo e estudioso, a linguagem é a percepção das coisas que existem no mundo e corresponde à natureza do animal racional.

Segundo ele, os conceitos são apenas representações, já que os nomes (linguagens) não representam as coisas do mundo, mas são símbolos – o objeto não é o mesmo que a linguagem, tanto é que a linguagem ganha outras facetas/interpretações. O filósofo ainda pontua que a natureza humana é política,

pois é a partir da compreensão de linguagem que se constitui o Estado, uma vez que a distinção entre o que é bom/mau ou certo/errado é inerente ao homem.

Partindo-se de Aristóteles, começa-se aqui um estudo sobre as abordagens da língua, da gramática e da linguagem. Paula (2013, p. 246) faz sucintamente um relato desse percurso, no qual diz:

na Linguística, Saussure e o estruturalismo imperavam; após ele, Chomsky e o gerativismo ocupavam todos os espaços – no entremeio, ouvimos os diálogos de Bakhtin (ainda que sussurrados) com a metafísica, tendo o neo-kantismo e a fenomenologia como interlocutores privilegiados do autor; na teoria literária, o estruturalismo e o formalismo já organizavam a literatura com métodos próprios: enquanto o estruturalista pensava a obra literária enquanto uma possível realização de uma estrutura abstrata geral, o formalista (por fazer parte também de uma tradição estruturalista) considerava a literatura como um sistema regido por leis próprias, fechada em si mesma. Dessa forma, as análises estruturalistas da literatura não relacionam o texto com a consciência criadora do autor, bem como com a sua inscrição sóciohistórica e seu projeto enunciativo. Ao contrário, as abordagens estruturalistas pretendem apreender o texto / enunciado em sua “imanência”.

A partir dessa análise, passa-se, na próxima seção, a evidenciar a relação entre a ‘literatura’ e a ‘gramática’, associando-as à abordagem funcionalista dentro da Linguística, com base em observações feitas a partir de aulas ministradas por docentes de Língua Portuguesa, em anos diversos, porém, com foco no trabalho entre a ‘literatura’ e a ‘gramática’.

A RELAÇÃO ENTRE A GRAMÁTICA E A CRIAÇÃO LITERÁRIA

Para se falar em literatura e gramática é interessante que se pense: *Quem está a serviço um do outro: a gramática a serviço da literatura, ou seria a literatura quem deveria estar a serviço da gramática?; É possível ensinar gramática?; Como são as aulas de gramática?; e Como está a formação de professores?*.

Com base nestas perguntas é que todas as observações, hipóteses e levantamentos foram feitos. É curioso notar como boa parte dos livros didáticos ainda aborda a gramática de maneira tradicionalista, presa às regras e classificações, com sequências ou frases isoladas, muitas vezes deslocadas da realidade dos discentes e descontextualizadas, com textos em favor da gramática.

Nesse ponto, entra um dos grandes pecados das gramáticas tradicionalista e normativa: limitar o ensino à apreensão das normas, com a literatura vindo em segundo plano e, conseqüentemente, perdendo suas forças libertadora, humanizadora e sensível de ver o mundo, defendidas por Candido (2004); e de fazer com que a língua ganhe função a partir da prática, tal como diz Arnt e Catto (2010).

Para Candido,

há "conflito entre a ideia convencional de uma literatura que *eleva e edifica* (segundo os padrões oficiais) e a sua poderosa força indiscriminada de iniciação na vida, com uma variada complexidade nem sempre desejada pelos educadores. Ela não *corrompe* nem *edifica*, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver". (2004, p. 176, grifos dos autor)

O estudioso enuncia com clareza o papel humanizador da literatura. Literatura que, por vezes, se perde em virtude do olhar destinado, unicamente, para o estudo das normas gramaticais nos livros didáticos. O texto apresenta-se, pois, como um apoio e não como uma possibilidade de iniciação ao estudo da gramática. A literatura deveria ser, tão logo, uma ponte para este estudo.

Nesta linha, Arnt e Catto (2010) entendem que a linguagem sempre é usada para alguma finalidade, não havendo justificativa para o estudo do código em si. Isto posto, compreende-se que não se pode analisar a linguagem dissociando sistema e uso.

Complementar às ideias de Arnt e Catto, Tomasello (Apud ÁLLAN; SOUZA, 2009) acredita que o falante nasça com uma capacidade lingüística; com uma gramática acionada, e que por meio da interação dos indivíduos com o ambiente, ela se desenvolva. As crianças, através da socialização e do aspecto biológico, adquirem conhecimento. Logo, linguagem e raciocínio se conectam, proporcionando o desenvolvimento do uso lingüístico, que ocorre em etapas, variando com o desenvolvimento do corpo, a idade do falante infantil, o tipo de relação comunicativa que a criança estabelece com o adulto e o desenvolvimento do cérebro.

No entanto, é preciso que se faça uma ressalva no sentido de que a interação com o outro é imprescindível, desde que dela se obtenha troca de conhecimentos, se respeite as diferenças dos meios os quais os falantes vieram e se faça dessa interação uma marca para a construção, dando sentido funcional à

língua e à linguagem, com o texto, o contexto e a palavra caminhando sempre juntos.

Fica claro, pois, que a gramática não deve servir à literatura, e nem deve haver a prática inversa, visto que a literatura se utiliza da língua (gramática) para recriar o mundo ficcional e a gramática está a serviço dos propósitos comunicativos do falante/escritor. É a partir das leituras, do sentir, do colocar-se no lugar do outro e do texto em si, que se deve trabalhar a gramática, em todos os seus níveis, assim como a produção textual.

A literatura passa a ser então via de acesso para as atividades em sala, e possibilita o trabalho com as normas gramaticais, relacionando texto, gramática e vivências pessoais dos alunos. Tudo em perfeita consonância entre 'literatura' e 'gramática'. Há, destarte, uma relação entre gramática (como ordenamento linguístico que possibilita os efeitos de sentido) e a criação literária (sua recepção). Logo, o ensino da gramática é sim possível, desde que haja uma nova roupagem, com uma associação proximal sustentada em três pilares: a literatura, a gramática e o ensino.

Dentro dessa perspectiva, Antunes diz:

No fundo, o expediente da gramática contextualizada funcionou como um recurso pelo qual se tentou mascarar (disfarçar!) a resistência geral, não só de professores, mas também do público escolarizado, em relação a *fazer do texto o objeto de ensino-aprendizagem e a fazer da gramática apenas um dos componentes desse objeto*.

Ora, se as línguas somente se realizam com uma *função sociointerativa*, e isso se efetiva exclusivamente sob a forma de *textos*, não há como fugir à demanda de eleger o texto e seus componentes como O objeto de estudo, a gramática – não esqueçamos – é um desses componentes. Apenas UM. Nem mesmo o componente principal (2014, p. 42-43; grifos da autora).

Á vista disso, é comum, tanto em livros didáticos quanto para professores, que ainda mantém suas raízes firmadas maioritariamente nos princípios tradicionalistas, que a gramática assuma um maior espaço e que seja ela, até este momento, vista como a detentora do “poder de ser *suficiente para o bom e prestigiado exercício da linguagem*” (ANTUNES, 2014, p. 43).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo, com base nas leituras e estudos levantados ao longo do trabalho, é possível concluir que ‘literatura’ e ‘gramática’ sofrem distorções quanto às suas relevâncias e que a concepção sobre o ensino de gramática ainda é, de certo modo, obsoleta e assunto desafiador no cenário da docência.

Grande parcela de professores desempenha papel tradicionalista, apoiando-se em livros didáticos bastante conservadores, pouco abertos à literatura, por vezes, escravos da gramática e distantes tanto das leituras de mundo, quanto do trabalho que preze pela interação entre literatura e gramática. Alguns docentes apenas perpassam obras ou fragmentos literários, sem dar a atenção merecida a tais obras, distanciando-se do trato com o humano e o lado sensível da palavra e do texto como um todo.

Neste ponto, vale lembrar do funcionalismo, que possui uma teoria voltada para a função e o papel que a gramática e o texto devem assumir, assim como para os reflexos advindos desta união. A língua, por conseguinte, só ganha função a partir da prática. Desenvolvimento, função e forma linguística se interligam. Dessa forma, as condições externas motivam a escolha linguística e o discurso se torna possível, porque o emissor pode produzir um texto e o ouvinte, ou leitor, pode reconhecê-lo. Assim como o texto é a unidade sintática, o texto é, também, a unidade operacional.

A linguagem, portanto, é vista primeiramente como fenômeno social. Dentro desse paradigma, foi Halliday (Apud Arnt; Catto, 2010) um dos maiores linguistas da história, até então, a desenvolver uma teoria compreensível e coerente, cuja maior preocupação é descrever e investigar a linguagem a partir de uma abordagem sistêmico-funcional, ou seja, a *língua em uso*.

Para ele, a *forma* gera *sentido*, e o *uso* é ignorado. Halliday valoriza a linguagem funcional, coloca em evidência a ‘gramática natural’ e, por último, o uso da língua. A gramática, então, é construída de níveis e pela interação dos falantes, os quais exercem posição dentro do texto e das relações.

Assim, na gramática de abordagem funcionalista não se separa o sistema linguístico e suas peças das funções que têm de preencher. Tudo é dinâmico, porque reconhece a força que está por detrás do constante desenvolvimento da linguagem, sendo o uso quem faz o movimento da língua, ou seja, a língua é viva. Dessa forma, a escrita está ligada à oralidade – reproduz-se na escrita aquilo que se ouve.

Nesse sentido, Antunes considera:

Parece-me claro que aquilo que se denomina de “gramática contextualizada” corresponde, não a um traço inerente a ela, mas a uma opção metodológica de tratamento dos fatos gramaticais. No uso ordinário da interação verbal, toda gramática e toda a gramática é contextualizada, quer dizer, está integrada, de forma indissociável, num complexo de ações e escolhas. Fora, portanto, das atividades de análise, reitero, toda gramática é *irremediavelmente contextualizada*. (2014, p. 46, grifos da autora)

E a estudiosa continua seu pensamento voltado para a escola e tratando daquilo que se pode ser pretendido como objetivo da exploração de uma gramática contextualizada, tal como se lê abaixo:

Nada mais, nada menos que:
a compreensão de como os itens gramaticais – de qualquer ordem – concorrem para a significação (macro ou microestrutural) do texto; que efeitos de sentido provocam; que funções desempenham; por que acontecem e como acontecem; nessa ou naquela posição; a que pretensões comunicativas respondem e outros aspectos, sempre, vinculados à condição de que estão presentes no texto por conta de alguma função ou de algum efeito de sentido. (...). Não basta fragmentar o texto, chegar aos segmentos menores, por exemplo, até mesmo para descobrir seus sentidos. É preciso não perder de vista o todo do texto, seu eixo temático, seu(s) propósito(s) comunicativo(s), suas especificidades de gênero; os interlocutores previstos, o suporte em que vai circular etc. (2014, p. 46-47, grifos da autora)

Por fim, fica claro então o quanto ainda se tem o tradicionalismo arraigado na docência e deixa-se registrada a emergente necessidade de reestruturar e repensar a prática docente voltada para um estudo de gramática associado à literatura, ampliando-se o leque para as várias possibilidades de se apreender normas gramaticais, sem deixar que a gramática ganhe destaque único nos processos de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ÁLLAN, Sylvio; SOUZA, Carlos Barbosa Alves de. O Modelo de Tomasello sobre a Evolução Cognitivo-Linguística Humana. In: *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Vol. 25, n.2, p.161-168, abr/jun 2009.

ANTUNES, Irandrê. A gramática na atividade discursiva: funções e limites. In: *Gramática contextualizada: limpando o pó das idéias simples*. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. 160 p.; 23 cm.

_____. Gramática contextualizada: o que é?. In: *Gramática contextualizada: limpando o pó das idéias simples*. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. 160 p.; 23 cm.

ARISTÓTELES. *Tópicos dos argumentos sofísticos*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha ; tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W.A. Pickard. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

ARNT, Janete Teresinha; CATTO, Nathalia Rodrigues. Entre funções e metafunções: estudo comparativo entre Jakobson e Halliday. In: *Linguagem – Estudos e pesquisas*. Vol. 14, n.02, p.95-109, jul/dez 2010. Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2000.

_____. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*, v.24, p.803-809, 24 set. 1972.

_____. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul/São Paulo: Duas Cidades, 2004.

GOUVEIA, Carlos A. M. *Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional*. Matraca, Rio de Janeiro. Vol. 16, n.24, jan/jun 2009.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Conceitos de gramática. In: *Manual de lingüística*. 1 ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A teoria lingüística em Aristóteles*. Alfa, São Paulo. p. 57-67, 1981.

_____. Língua e identidade lingüística. O espaço da lusofonia. In: *Ensino de língua e vivência de linguagem: temas em confronto*. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. *Uma visão geral da gramática funcional*. Alfa, São Paulo. p. 109-127, 1994.

PAULA, Luciane de. Círculo de Bakhtin: uma análise dialógica de discurso. In: *Revista Est. Ling.* Belo Horizonte, v.21, n.1, p. 239-258, jan-jun/2013. Universidade Estadual Paulista.

SILVA, Augusto Soares da. *A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em lingüística*. Disponível em: < <http://www.facfil.ucp.pt/lingcognit.html>>.